

PRETÉRITO PERFEITO EM PORTUGUÊS E EM ESPANHOL: BREVE ANÁLISE CONTRASTIVA

Rodrigo da Silva Campos

Mestre em Linguística (UERJ)

rodrigocampos.rsc@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo realizar uma breve análise contrastiva do Pretérito Perfeito em língua portuguesa e em língua espanhola, de modo a ressaltar sentidos expressos pelo Pretérito Perfeito em espanhol, em comparação aos sentidos construídos e apagados na tradução para o português. Para fundamentar nossa análise, usaremos como aporte teórico Bosque (2009) e Matte Bon (1998), no que tange à descrição gramatical da língua espanhola, e Azeredo (2010), no que concerne ao estudo dos verbos à luz da dêixis temporal.

Palavras-chave: análise contrastiva, tempo verbal, dêixis, língua portuguesa, língua espanhola

1. Considerações iniciais

O presente artigo tem como objetivo traçar um breve contraste entre dois tempos verbais da língua espanhola (*Pretérito Perfecto Simple* e *Pretérito Perfecto Compuesto*) em relação ao seu suposto equivalente em língua portuguesa (Pretérito Perfeito) a fim de se verificar semelhanças e diferenças no modo como as relações de tempo são expressas por esses tempos verbais.

Há um senso comum em cursos livres de aprendizagem de espanhol como língua estrangeira (E/LE), de que a inferência (sem passar, conseqüentemente, pela tradução e contraste com a língua materna), isto é, de que um exercício de “se pensar na língua”

(reflexão sobre as funções comunicativas expressas pelos tempos verbais em questão), sem que se estabeleçam paralelos com a língua materna, possa facilitar a aprendizagem da língua estrangeira. O contraste e a tradução são, portanto, vistos como práticas prejudiciais ao processo de aprendizagem de língua estrangeira (a partir de uma abordagem comunicativa).

Mas será que o contraste é (sempre) prejudicial? Há os que criticam a tradução e o contraste pelo fato de que dessa forma, o aluno não aprenderia a pensar e construir em sua mente a gramática da língua estrangeira, com suas próprias regras e formas, que pode não ser (e não será) semelhante à de sua língua materna.

Se o aluno se prende à tradução e ao contraste, sempre partirá de sua língua materna para elaborar enunciados em língua estrangeira, podendo projetar estruturas gramaticais de sua língua materna na língua-meta que deseja aprender. Acredita-se que tal prática poderia facilitar o processo de fossilização dos aprendizes.

Acreditamos, no entanto, que o contraste pode auxiliar na construção de uma gramática internalizada da língua estrangeira, porém de modo “crítico”, de modo a “forçar” no aprendiz a reflexão sobre as nuances de sentido que podem ser expressas pelos tempos verbais em sua língua materna e na língua estrangeira.

Não pretendemos (e nem poderíamos) esgotar o tema no presente artigo. Tampouco possuímos tamanha ambição. O que for exposto a seguir diz respeito, sobretudo, a uma inquietude nossa: verificar que relações de tempo são construídas na comparação entre o Pretérito Perfeito em espanhol e em português.

2. As relações de tempo expressas pelo verbo (dêixis temporal)

O verbo apresenta-se como sendo uma classe de palavra que vai condicionar a existência do predicado e, desse modo, a da própria oração. Em outras palavras, isso significa afirmar que não há predicado se não há verbo, do mesmo modo como não haverá oração sem que haja verbo. Azeredo (2010, p. 200) destaca que o verbo é o eixo estrutural da oração: “O verbo é, assim, a garantia formal da existência do predicado e, portanto, da própria oração, pois é por meio de sua variação morfossintática que se exprimem o tempo, o modo, a pessoa, o número e a distinção aspectual (...)”.

Dialogando com Azeredo (2010), trazemos a definição de verbo da *Nueva gramática de la lengua española*, de Bosque (2009, p. 1673):

A flexão verbal expressa em espanhol NÚMERO e PESSOA, MODO e também TEMPO e ASPECTO. (...) o número e a pessoa constituem informações relativas ao sujeito; o modo reflete, por sua vez, certas facetas da atitude do falante, assim como algumas características semânticas dos predicados nas orações em que estes são tomados como argumentos. O tempo é uma categoria DÊITICA, portanto, REFERENCIAL.

Os conceitos de tempo e de espaço apresentam-se como referências necessárias à enunciação, de modo que aquele que enuncia (ao qual chamaremos *enunciador*), ao fazê-lo, situa, por meio da língua, o espaço e o tempo no qual a sua enunciação está ancorada.

A língua oferece subsídios para expressar noções de tempo e de espaço no momento da enunciação: advérbios de lugar (para fazer referência à noção de espaço) e advérbios de tempo (para referir-se à noção de tempo).

De acordo com Azeredo (2010, p. 204), “ao referir-se ao espaço em que se encontra, o indivíduo que fala identifica-o como *aqui*; e ao referir-se ao momento em que fala, pode designá-lo como *agora*.”

Se observarmos alguns exemplos de advérbios de lugar (abaixo, além, acima, aqui, etc.) e de tempo (antes, depois, agora, ainda, hoje, amanhã, etc.), poderemos perceber que tais termos não se referem a elementos recuperáveis textualmente, isto é, não designam lugar e época determinados e constantes. Ao contrário, são elementos que serão recuperados se retornamos ao momento da enunciação, no qual as trocas comunicativas se dão.

Observemos um exemplo: se alguém entra em uma sala de aula vazia, de noite, escreve no quadro o enunciado “EU ESTIVE AQUI HOJE” e sai, no dia seguinte, o enunciado em questão terá adquirido todo um caráter hermenêutico. Possivelmente pairarão entre os coenunciadores do referido enunciado algumas dúvidas: 1. Quem poderia haver escrito tal enunciado? 2. Quando tal enunciado foi escrito efetivamente?

As dúvidas e o suposto caráter hermenêutico do enunciado escrito no quadro revelam-se por tal enunciado fazer uso de elementos referenciais ou dêiticos, isto é, elementos que só poderão ser recuperáveis se for considerado o momento da enunciação. São elementos que fazem referência a outros elementos, assim como os elementos anafóricos e catafóricos, mas diferem-se desses últimos, pois se referem a entidades situadas para além do texto, isto é, a entidades extratextuais.

Desse modo, se analisarmos o enunciado “EU ESTIVE AQUI HOJE.” e destacarmos os elementos dêiticos (EU, AQUI, HOJE), se não estivermos ancorados à situação da enunciação, não poderemos recuperar a quem o EU se refere, como tampouco poderemos recuperar a quando se refere o advérbio HOJE. EU remete ao

enunciador, ao sujeito que assume a palavra, o advérbio HOJE remete ao tempo, ao momento da enunciação propriamente dito, mas revela-se como um elemento dêitico por poder referir-se tanto ao momento em que foi enunciado ou ao dia presente. É um elemento que se atualiza sempre, por referir-se ao tempo presente (ao dia presente, para ser mais específico).

O advérbio AQUI também é dêitico, pois seu significado é recuperado fora do próprio enunciado. Que lugar será o AQUI senão o lugar onde se encontra o enunciador? No entanto, seu sentido pode ser mais facilmente recuperável pelo contexto comunicativo: o AQUI só poderia, no exemplo citado anteriormente, referir-se à sala de aula, uma vez que o enunciador, para escrever o enunciado, precisaria estar na sala – a mesma sala onde esse enunciado seria lido e interpretado por seus coenunciadores.

Azeredo (2010, p. 204) define os elementos dêiticos da seguinte maneira: “as categorias gramaticais de pessoa e de tempo – por tomarem o enunciador e o momento da enunciação como referência – se dizem categorias dêíticas”. Bosque (2009, p. 1269) explicita que “a dêixis é a propriedade que muitas expressões gramaticais possuem para denotar significados que dependem da localização tempo-espacial dos interlocutores”.

E continua:

O grupo nominal *hoje* pode ser empregado, analogamente, para designar qualquer dia, sempre que coincida com aquele no qual se emitam essas palavras. Sua referência mudará, por conseguinte, e poderá adquirir tantos valores quantos sejam os dias nos quais se emita tal termo. Esta propriedade caracteriza de modo geral as unidades dêíticas, sejam espaciais ou temporais. Na verdade, se alguém usa a expressão *isso que está à minha direita*, gira depois cento e oitenta graus e repete essas mesmas palavras, estará referindo-se a algo diferente. (BOSQUE, 2009, p. 1270)

Maingueneau (2004, p. 113) usa outros termos para referir-se aos elementos dêiticos e chama-os de *embreantes*, sendo, por conseguinte, os enunciados que fazem usos de elementos embreantes ou dêiticos, chamados pelo autor de “enunciados embreados”: “Pode-se produzir um enunciado que comporte embreantes e que esteja, portanto, em relação com a situação de enunciação; fala-se, então, de enunciado embreado”.

A dêixis, portanto, é esse “referir-se ao momento da enunciação” e pode ser exprimida também por meio de verbos, que tomam tal momento de produção de enunciados como seu ponto de referência principal.

O momento da enunciação apresenta-se como o “ponto-zero” do enunciador, isto é, será a partir desse marco que se estabelecerão as relações dos fatos enunciados (o que é dito) com o tempo no qual se diz (podendo ser apresentado como uma época simultânea, posterior ou anterior a esse marco temporal).

Diz-se que fatos situados em época anterior ao momento da enunciação estão “no passado” e que o que está ancorado em época posterior ao momento da enunciação está “no futuro”. Vejamos alguns exemplos:

- a. O Rio de Janeiro derrotou a cidade de Madri na disputa pelos Jogos Olímpicos de 2016. (passado – época anterior ao momento da enunciação)

- b. O Rio de Janeiro organizará os Jogos Olímpicos de 2016. (futuro – época posterior ao momento de enunciação)

O conceito de presente apresentando-se como tempo gramatical é, por exclusão, todo fato que o enunciador não ancora em momento posterior ou anterior ao momento de enunciação (AZEREDO, 2010):

c. O Rio de Janeiro possui muitas praias.

Não se afirma no exemplo anterior que a cidade do Rio de Janeiro possuiu ou possuirá muitas praias; ao contrário, o fato apresenta-se no tempo presente. Logo, por associação, se podemos pensar o tempo (gramatical) passado exprimido por meio de fatos que se realizaram antes do momento da enunciação e o tempo futuro exprimido por fatos realizados posteriormente ao momento da enunciação, poderíamos ser levados a pensar que o tempo presente coincide com o próprio momento da enunciação.

Azeredo (2010, p. 205), no entanto, salienta que o presente enquanto categoria gramatical e o momento da enunciação são diferentes e que não devem ser confundidos: “A noção de presente como tempo gramatical não pode, portanto, ser definida como ‘momento em que se fala’. Este é, apenas, o momento da enunciação.”

O enunciador pode afastar-se mentalmente do momento da enunciação e enunciar tendo outros pontos (outros lugares e outros momentos) como referência, que diferirão do momento de enunciação. Azeredo (2010, p. 352) esclarece a questão:

Esses deslocamentos mentais não significam que, ao assumir a palavra, uma pessoa pode ocasionalmente abandonar o ponto de referência da enunciação – o *aqui* e *agora*. Na realidade, o que ela faz é eleger um segundo ponto de referência não coincidente com o momento da enunciação, o qual também funciona como um marco temporal de certos fatos e situações.

Desse modo, apresentam-se três pontos de referencia no que tange à organização temporal dos fatos e ideias exprimidos pelos verbos: o presente, que funciona como um ponto de referência “global” ou “central”, presente em todos os enunciados (e nesse caso, podendo coincidir com o momento da enunciação); o passado e o futuro, que se apresentam como um deslocamento mental realizado pelo enunciador, sendo tais deslocamentos dependentes do ponto de referência “central” (momento da enunciação).

Além do momento da enunciação (ME) e do ponto de referência (PR), há outra variável que completará a tríade das variáveis das relações de tempo expressas nas frases em língua portuguesa: o intervalo de tempo (IT), que pode ser definido como “o segmento da linha do tempo representado como anterior, contemporâneo ou posterior ao ponto de referência (PR) (AZEREDO, 2010, p. 354)”.

3. Pretérito perfeito em português e em espanhol

3.1. Pretérito perfeito

O pretérito perfeito é um tempo verbal que representa o fato como concluído. Tal fato situa-se num intervalo de tempo anterior ao ponto de referência presente:

- d. Nós *nascemos* no Rio.
- e. Eles *compraram* carne anteontem.

É característica a sua utilização em textos narrativos, cujas ações apresentam-se situadas em época anterior ao momento da enunciação. Azeredo (2010, p. 359) salienta que

O amplo uso do pretérito perfeito no discurso narrativo é favorecido, antes de mais nada, por sua associação com o **aspecto concluso do processo**. Obviamente, **o que é visto como consumado no momento da enunciação pertence cronologicamente ao passado**.

No fragmento acima, nas partes grifadas, o autor explicita que o pretérito perfeito exprime um aspecto concluso do processo, devido ao seu caráter perfectivo. No entanto, não se deve esquecer que tal conclusibilidade se deu cronologicamente no passado, ou seja, em época anterior ao momento da enunciação e não no próprio momento da enunciação, como se pode pensar ao vislumbrarmos o exemplo abaixo:

f. *Novou.*

Pode-se pensar que acabou de nevar justamente no momento em que tal enunciado foi produzido e nesse caso, segundo tal interpretação, o pretérito perfeito e seu aspecto concluso se dá em momento coincidente ao momento da enunciação. Observemos outro exemplo:

g. *Novou ontem.*

No exemplo *g*, está mais explícito o distanciamento entre o momento da enunciação e a época na qual se situa tal evento. Observe-se, no entanto, que essa ideia de distanciamento que estava ausente no exemplo *f* é explicitada no exemplo *g* pelo uso

do advérbio *ontem*, que demarca o tempo no qual a ação se desenvolveu. Qualquer marcador temporal que exprima a ideia de tempo passado poderá ser usado para inscrever o fato cronologicamente no tempo passado.

Esse tempo verbal pode também expressar um fato cujo intervalo de tempo seja anterior a um futuro (explicitando um deslocamento mental por parte do enunciador):

h. Quando você chegar a São Paulo, a festa já *acabou*.

3.2. Pretérito Perfeito em espanhol

3.2.1 *Pretérito Perfecto Simple*

O *Pretérito Perfecto Simple* é um tempo verbal que expressa anterioridade em relação ao momento da enunciação e que, por isso, é utilizado para narrar ações passadas, sem que sejam destacadas distintas perspectivas ou circunstâncias nas quais tais ações ocorrem. Segundo Matte Bon (1998, p.19), com o uso de tal tempo verbal se dá ênfase aos “fatos em si”.

Observemos o paradigma flexional desse tempo verbal (usaremos o verbo cantar como modelo):

CANTAR

(yo) canté

(tú) cantaste

(él/ella/usted) cantó

(nosotros/as) cantamos

(vosotros/as) cantasteis

(ellos/ellas/ustedes) cantaron

A visão de Bosque (2009) dialoga com a de Matte Bon (1998) no que tange ao caráter perfectivo desse tempo verbal, que consiste em informar sobre fatos passados acabados. Como se pode observar, o uso do *pretérito perfecto simple* supõe os limites de início e fim de um evento – atos ou processos pontuais dos quais nos fala Matte Bon (1998).

3.2.2 *Pretérito Perfecto Compuesto*

O *pretérito perfecto compuesto* é um tempo verbal composto da língua espanhola formado pelo verbo *haber* (haver) conjugado em presente do indicativo + particípio passado. Denota anterioridade em relação ao ponto de referência correspondente. Observemos o paradigma flexional desse tempo verbal:

CANTAR

(yo) he cantado

(tú) has cantado

(él/ella/usted) ha cantado

(nosotros/as) hemos cantado

(ellos/ellas/ustedes) han cantado

Comumente, ensina-se esse tempo verbal nos cursos livres de língua espanhola ressaltando-se que não há tempo verbal equivalente em língua portuguesa. Observemos alguns exemplos:

i. *He cantado mucho.*

Tradução: Cantei muito.

Muitos aprendizes são levados a traduzir esse tempo verbal como se fosse o pretérito perfeito composto da língua portuguesa e apresentam tal construção como sinônima:

Tradução não adequada: Tenho cantado muito.

Encarar o *pretérito perfecto compuesto* como o pretérito perfeito composto da língua portuguesa é atribuir um caráter reiterativo ao tempo verbal da língua espanhola. Não é o que expressa, no entanto, o tempo verbal da língua espanhola, que, grosso modo, equivale ao pretérito perfeito da língua portuguesa, exprimindo ideia perfectiva e não-reiterativa. Ao observamos os exemplos supracitados, verificamos que ao dizer *He comido mucho*, o enunciador diz que *comeu mucho*, isto é, o fato é conclusivo e deu-se em momento anterior ao momento da enunciação, não sendo algo que se repete até o momento de fala.

É também possível que o *pretérito perfecto compuesto* exprima a persistência atual de fatos pretéritos, como no exemplo abaixo:

j. *Las elecciones no se han celebrado, pero no se demorarán muchos meses.*

Tradução: As eleições não foram realizadas, mas não faltarão muitos meses para que ocorram.

A partir do uso do *pretérito perfecto compuesto* se avalia certa situação desde o ponto de referência situado no presente (subentende-se que as eleições não ocorreram até o dia de hoje). Tal uso desse tempo verbal é denominado por Bosque (2009) como *interpretación de antepresente*, que consiste em referir-se a situações anteriores ao momento da enunciação, mas avaliadas ou medidas a partir desse ponto de referência:

k. *Ha sufrido mucho en la vida.*

Tradução: Sofreu muito na vida.

Aqui podemos depreender por meio do uso desse tempo verbal (*Ha sufrido*), segundo a interpretação possível sugerida por Bosque (2009), que o sujeito do exemplo anterior continua sofrendo até o momento da enunciação. A *interpretación de antepresente* é não mais tomar tal tempo verbal como um tempo perfectivo de fato, pois ele apresenta, além da perfectividade, a reiteração do fato, que se desdobra até o ponto de referência do tempo presente. Observe-se que, ao traduzirmos, perde-se esse matiz, pois se quiséssemos expressar em língua portuguesa um caráter reiterativo, não

utilizaríamos o pretérito perfeito simples e, provavelmente, optaríamos pelo uso do pretérito perfeito composto:

1. Tem sofrido muito na vida.

Bosque (2009) salienta que tal tempo verbal da língua espanhola pode ser vislumbrado a partir de duas nomenclaturas distintas (e que cada uma apontará para uma interpretação possível do mesmo tempo verbal): antepresente e pretérito perfeito composto. O primeiro termo refere-se a um tempo anterior ao presente, mas avaliado a partir deste ponto de referência. O segundo termo o considera um pretérito propriamente dito.

A relação entre *pretérito perfecto compuesto* e *presente*, que o termo *interpretación de antepresente* reflete, afeta tanto o significado do *pretérito perfecto compuesto* como os contextos sintáticos nos quais ele é usado. Assim, o presente do verbo *haber* (o verbo auxiliar) possui aspectos dêiticos que coincidem com os aspectos de alguns demonstrativos e adjetivos expressos em alguns marcadores temporais, conforme podemos observar nos exemplos abaixo:

- m. En este siglo la ciencia ha experimentado grandes avances.

Tradução: Neste século a ciência realizou grandes avanços.

Se substituíssemos o demonstrativo *este* por *aquel* (aquele), o tempo verbal usado deveria ser o *pretérito perfecto simple*:

n. *En aquel siglo la ciencia experimentó grandes avances.*

Tradução: Naquele século a ciência realizou grandes avanços.

Os exemplos acima servem para que possamos vislumbrar o que aponta Bosque (2009, p. 1722, 1723): “o pretérito perfeito composto se assemelha em várias de suas propriedades semânticas a um presente”.

Cabe ainda salientar que, ao traduzirmos para a língua portuguesa os exemplos citados anteriormente, “perdem-se” todos os matizes e peculiaridades exprimidas pelos tempos verbais da língua espanhola. “Perdem-se”, mas são recuperáveis e inteligíveis a partir do momento em que o aprendiz de língua espanhola internaliza o uso dos pretéritos e ao mesmo tempo em que se baseia minimamente em sua língua materna, se distancia desta para melhor compreender as possibilidades semânticas que podem ser expressas por esses tempos verbais.

Outro uso do *pretérito perfecto compuesto* é a chamada “*presuposición existencial*” (BOSQUE, 2009), que permite pressupor a existência de algo de que se fala no enunciado (uma característica que aproxima esse tempo verbal ao tempo presente). Vejamos alguns exemplos:

o. *Miguel ha estado tres veces en Madrid durante este año.*

Tradução: Miguel esteve três vezes em Madri durante este ano.

No enunciado acima, subentende-se que Miguel está vivo no tempo presente devido ao uso de tal tempo verbal. Caso fosse usado o *pretérito perfecto simple*, não seria possível obter a mesma inferência (de que está vivo no momento da enunciação) e nem uma inferência contrária (de que não estaria vivo):

p. Arturo estuvo tres veces en Madrid durante este año.

Tradução: Miguel esteve três vezes em Madri durante este ano.

Observa-se, no entanto, que a *presuposición existencial* pode não ocorrer em enunciados que descrevem alguma propriedade do sujeito que é considerada vigente na atualidade. Vejamos alguns exemplos:

q. Cervantes ha sido el mejor escritor hispánico.

Tradução: Cervantes foi/é o melhor escritor hispânico (de todos os tempos).

Podemos verificar no exemplo acima que as características de Cervantes (de sua obra) continuam sendo apreciadas na atualidade e por isso o uso do *pretérito perfecto compuesto* se justifica. Observe-se que ao traduzirmos o exemplo dado, temos que acrescentar mais informações ao enunciado, de modo a aproximar o sentido expresso pelo enunciado em língua espanhola.

Ainda em relação à *presuposición existencial*, deve-se destacar que em espanhol é muito comum que se faça diferença entre os dois pretéritos em relação ao verbo *morir* (morrer), com diferentes nuances de sentido:

r. *Su mamá y sus hermanos han muerto.*

s. *Su mamá y sus hermanos murieron.*

Tradução: A mãe e os irmãos dele morreram.

No exemplo r, o uso do *pretérito perfecto compuesto* exprime que essa morte ainda é sentida pelos entes queridos. A ação, ainda que haja ocorrido no passado, repercute no momento da enunciação.

No exemplo s, o uso do *pretérito perfecto simple* expressa que a morte dos entes queridos não causa mais dor. É possível que expresse um maior distanciamento temporal, de modo que com a inclusão de um adjunto adverbial se explicita tal relação:

t. *Su mamá y sus hermanos murieron hace 30 años.*

Tradução: A mãe e os irmãos dele morreram há 30 anos.

Observe-se que, ao traduzirmos para o português, tais nuances de sentido são perdidas.

4. Considerações finais

Ao fazer uma reflexão sobre os usos dos tempos verbais *pretérito perfecto compuesto* e *pretérito perfecto simple* da língua espanhola, contrastando-os com o pretérito perfeito da língua portuguesa, percebemos que as relações temporais expressas pelo verbo não se pautam tão somente na tríade passado-presente-futuro. Como vimos ao longo deste trabalho, há de se considerar o momento da enunciação e alguns pontos de referência, que podem ser coincidentes, anteriores ou posteriores ao momento da enunciação. Também devemos considerar os intervalos de tempo nos quais se dão os deslocamentos mentais do enunciador.

Como cada língua exprime também a cultura de seus falantes, não serão todas as relações semânticas expressas pelos referidos tempos verbais da língua espanhola que serão passíveis de serem “exprimidas” pelo tempo verbal equivalente em língua portuguesa. E vice-versa.

A importância do trabalho realizado é a observância dos diferentes sentidos que tais tempos verbais podem adquirir em espanhol para que possamos melhorar nossa prática docente ao ensinar tais tempos verbais aos aprendizes cuja língua materna é o português.

RESUMEN: El presente artículo tiene el objetivo de realizar un breve análisis contrastivo del Pretérito Perfecto en lengua portuguesa y en lengua española, de modo a señalar sentidos expresados por el Pretérito Perfecto en español, en comparación a los sentidos que se construyen y que se apagan en la traducción para el portugués. Para basar nuestro análisis, usaremos como aporte teórico Bosque (2009) e Matte Bon

(1998), en relación a la descripción gramatical de la lengua española y Azeredo (2010), con respecto al estudio de los verbos y su relación con la deixis temporal.

Palabras-clave: análisis contrastivo, tiempo verbal, deixis, lengua portuguesa, lengua española

REFERÊNCIAS:

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 3º ed. – São Paulo: Publifolha, 2010.

BOSQUE, Ignacio. *Nueva gramática de la lengua española: Morfología – Sintaxis I*. Espasa libros – Madrid, 2009.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação / Dominique Maingueneau: tradução de Cecília de P. da Souza-e-Silva, Décio Rocha*. – 3. ed. – São Paulo: Cortez: 2004.

MATTE BON, Francisco. *Gramática Comunicativa del Español Tomo II*. Ediciones EDELSA, 1998.